



FUNDAÇÃO
GETULIO VARGAS

EPGE

Escola de Pós-Graduação
em Economia

Ensaio Econômicos

Escola de

Pós Graduação

em Economia

da Fundação

Getúlio Vargas

Nº 663

ISSN 0104-8910

***Renda, consumo e aposentadoria:
evidências, atitudes e percepções***

Marcelo Cortes Neri

Dezembro de 2007

**Os artigos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores. As opiniões
neles emitidas não exprimem, necessariamente, o ponto de vista da Fundação
Getulio Vargas.**

Renda, consumo e aposentadoria: evidências, atitudes e percepções

Marcelo Cortes Neri¹

(marcelo.neri@fgv.br)

Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (CPS/IBRE/FGV) e da EPGE/FGV.

A população de terceira idade totaliza hoje 15 milhões de brasileiros, três vezes mais do que em 1970. Na última década, o número daqueles com mais de 60 anos cresceu três vezes mais que a população total (47%, contra 15,7%). Projeções demográficas indicam que a população idosa irá mais do que dobrar nos próximos 25 anos, atingindo cerca de 32 milhões de pessoas, o que corresponderá à sexta do mundo. O objetivo deste artigo é descrever alguns determinantes econômicos do nível de bem-estar da população que se encontra na terceira idade, a partir dos resultados da pesquisa Idosos no Brasil do SESC/FPA, a qual inclui tanto aspectos objetivos como subjetivos. Estes últimos constituem um diferencial relevante dessa pesquisa e serão complementados com dados gerados por outras pesquisas domiciliares e por análises prévias minhas, de forma a situar o grupo de idosos e a pesquisa em questão diante de outras referências. Tomei como pano de fundo em toda análise a teoria do ciclo de vida de Franco Modigliani (1986).

Essa teoria é frequentemente invocada para explicar as motivações para as demandas de longo prazo em relação à aposentadoria e para os comportamentos financeiros das pessoas físicas, à medida em que envelhecem. De acordo com a teoria, a expectativa de queda da renda do trabalho na terceira idade induz as pessoas à acumulação prévia de ativos, a fim de financiar um padrão estável de consumo e de bem-estar durante os anos finais da vida. No Brasil, temos o hábito de questionar a validade de teorias globais, em prol de conjecturas locais, e perguntamos: será que a motivação de poupança de prazo tão longo, como proposta por Modigliani, sobreviveria ao conhecido hábito brasileiro de pensar e trabalhar somente no curto prazo? Mesmo que a hipótese central de suavização privada do bem-estar ao longo do tempo seja rejeitada no nosso contexto, a teoria oferece um arcabouço interessante para analisar

¹ Agradeço a eficiente assistência de pesquisa de Luisa Carvalhaes. Contato: mcneri@fgv.br.

como a insuficiência de ações privadas é compensada pela ação pública, por meio de transferências de renda e aposentadorias, ou, de outro modo, para aferir os impactos sociais da insuficiência de renda e da desproteção social que caracterizam a população da terceira idade no Brasil.

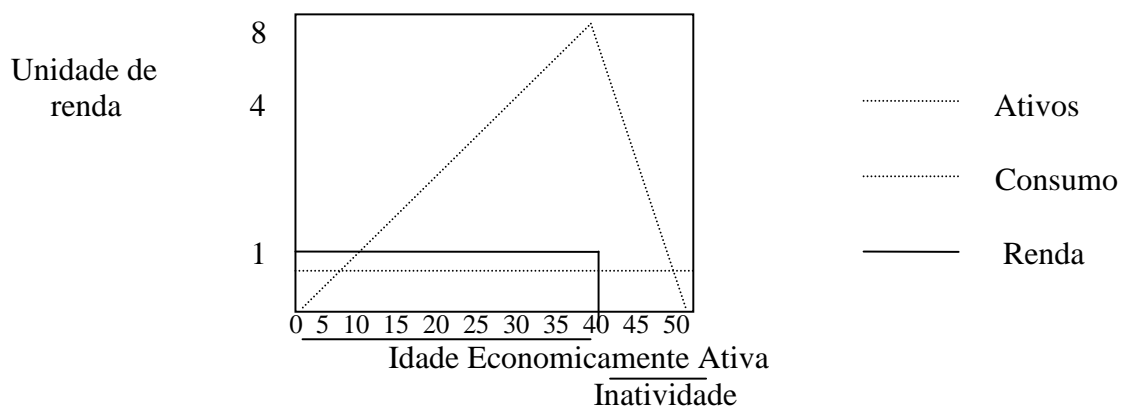
O artigo está organizado da seguinte forma: primeiro, apresentarei os aspectos básicos da teoria do ciclo da vida, úteis à compreensão das questões relativas à renda e ao consumo examinadas pela pesquisa SESC/FPA. Em seguida, farei uma discussão sobre o acesso ao trabalho em diferentes faixas etárias, incluindo aspectos como ocupação, formalidade, jornada e renda. A terceira seção incluirá uma ampliação dos conceitos de renda auferida de fontes diferentes do trabalho, incluindo aposentadorias, transferências públicas e rendas privadas, assim como a socialização da renda dentro dos domicílios. Na quarta seção são discutidos o acesso, as motivações e a adaptação à aposentadoria. A três seções seguintes discutem o comportamento financeiro dos idosos, incluindo o que se refere à Previdência e ao crédito, este com destaque para as possibilidades recentes de consignação de empréstimos em relação a benefícios previdenciários, e por último, ao consumo. Neste tópico, será analisada a composição dos gastos dos consumidores da terceira idade, com ênfase no papel das despesas associadas à saúde. Breves conclusões e um sumário dos principais resultados propiciados pela pesquisa Idosos no Brasil fazem parte da última seção do trabalho.

1. A teoria do ciclo da vida e as trajetórias da renda proveniente do trabalho

Segundo Modigliani (1986), poupar para a aposentadoria advém do desejo individual de manter um padrão estável de consumo ao longo do ciclo da vida. Em função disso, os indivíduos abrem mão de uma parcela do consumo durante a vida ativa, para poderem estabilizar o padrão de consumo na velhice, quando em geral ocorre uma queda no rendimento do trabalho. Há, portanto, uma acumulação de ativos até a data da aposentadoria. A partir desse momento, o estoque de ativos começa a ser utilizado para complementar os recebimentos da aposentadoria. A versão mais simples do modelo do ciclo da vida é aquela na qual o consumo é constante ao longo da vida, não existe incerteza, a taxa de juros é nula e a única mudança na renda que ocorre é quando o consumidor se aposenta.

A Figura 1 a seguir ilustra esse caso que Modigliani denominou como a versão simplificada (*stripped down*) do modelo do ciclo da vida. A renda é constante durante L anos de vida de trabalho ($L = 40$ anos, por exemplo) e igual a uma unidade, e cai a zero nos R anos de aposentadoria ($R = 10$ anos, por exemplo). Consumo é constante ao nível de $L/(L + R)$ por período ou 80% da renda durante a vida de trabalho, de forma que a poupança é de 20% da renda por período $R/(R + L)$, chegando ao máximo de oito vezes a renda imediatamente anterior à aposentadoria.

Figura 1. Versão simplificada do modelo do ciclo da vida segundo Modigliani (1986).



A teoria do ciclo de vida pressupõe que a renda do trabalho cai nas idades mais avançadas. A Figura 2a apresenta a trajetória da renda do trabalho e da ocupação de pessoas dos mesmos segmentos de gênero, raça e escolaridade ao longo da sua vida ativa, a partir da Censo Demográfico 2000/IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). O objetivo deste exercício é simular a trajetória temporal da renda e da ocupação de um mesmo indivíduo, para cada ano de idade, através de dois exercícios: em primeiro lugar, uma equação *minceriana* para determinação de salários (ANEXO A). O modelo salarial de Jacob Mincer (1974) é o arcabouço utilizado para estimar retornos à educação, à qualidade da educação, à experiência, entre outras variáveis determinantes do salário, como a idade, nesse caso específico. Em seguida, através de uma regressão logística de ocupação (ANEXO B), fornecemos o risco de uma pessoa estar ocupada dado o efeito de algumas variáveis explicativas, em que novamente utilizamos a idade do indivíduo. Nos dois exercícios, utilizamos uma variável *dummy* para cada idade. Variáveis *dummy* são aquelas compostas apenas por duas opções de eventos, como “sim” ou “não”, ou seja, comparamos cada ano de idade *versus* todo o resto.

A curva de salários declina com a idade, a partir dos últimos anos do ciclo de vida ativa. O auge da renda é atingido aos 51 anos, quando a renda é 118,4% superior à observada aos 16 anos e 15% maior do que aos 65 anos. A queda dos volumes de renda do trabalho auferido nas fases finais do ciclo da vida reflete mais a redução da taxa de ocupação do que a dos salários entre os ocupados. A taxa de ocupação controlada apresenta um formato de U invertido atingindo o pico aos 41 anos de idade. Nessa ocasião, a chance de ocupação é cerca de sete vezes maior que as observadas aos 16 e aos 66 anos de idade. Os dados da pesquisa do SESC/FPA confirmam o dado da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), uma vez que apenas 15% dos idosos possuem renda proveniente do trabalho. A pesquisa revela, ainda, que a maior presença de idosos no mercado de trabalho se dá em ocupações informais: 15% deles (23% dos homens e 9% das mulheres) trabalham sem carteira assinada. Geralmente são temporários que trabalham por conta própria (12% do total, sendo 18% homens e 7% mulheres), em média 35 horas e 16 minutos semanais (37 horas e 20 minutos os homens e 31 horas e 13 minutos as mulheres). A média de anos trabalhados ao longo da vida é de 39 anos e 6 meses; enquanto eles trabalharam 45 anos e 2 meses, elas o fizeram por 34 anos e 2 meses. Conforme se esperava, a média de horas trabalhadas cai entre os trabalhadores ativos mais idosos, chegando a 24 horas 9 minutos trabalhadas, para

aqueles com mais de 80 anos. Este grupo alcança a média de 46 anos e 11 meses de trabalho ao longo de toda sua vida laboral.

2. Fontes alternativas de renda ao longo do ciclo de vida

A perspectiva de queda da renda do trabalho nas fases finais do ciclo da vida torna necessária a poupança, se o objetivo for sustentar um mesmo patamar de consumo na terceira idade. O paulatino aumento dos fluxos de renda alternativos aos do trabalho gera uma perfeita suavização da renda de todas as fontes, e do consumo, nas idades mais avançadas, tal como sustenta Modigliani.

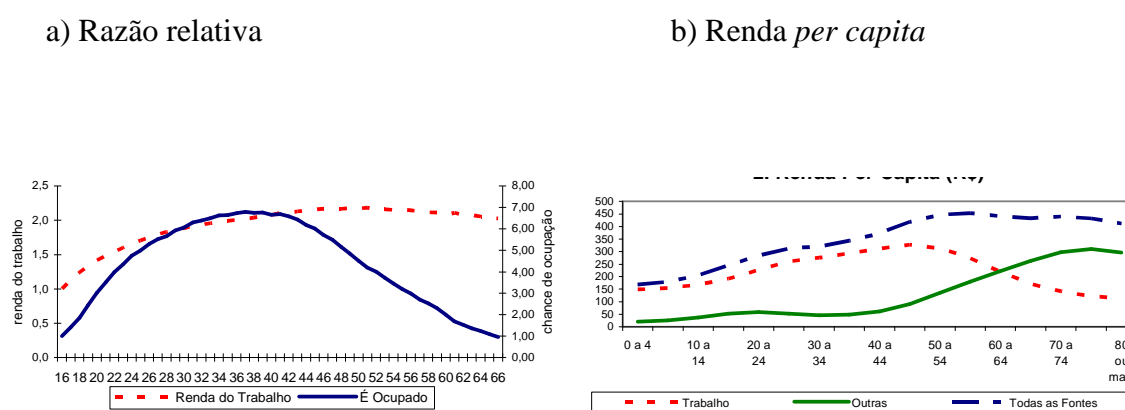
Passemos agora à análise da renda familiar *per capita* decorrente do trabalho, a qual incorpora os efeitos conjuntos da desocupação e dos salários de todos os membros da família. Com isso pretende-se captar outras possíveis dimensões da determinação do bem-estar. Na prática, a família funciona como uma unidade de tomada de decisões de consumo e poupança, e isso implica um processo de socialização da renda dentro dos domicílios. A Figura 2b, gerada pelos dados da Censo Demográfico 2000/IBGE, apresenta as trajetórias de renda *per capita* provenientes do trabalho, de outras fontes e da soma de todas as fontes, ao longo de toda a vida. Observe-se que a renda do trabalho nas idades é representada por uma curva em formato de sino que atinge o pico absoluto de 327 reais entre os 45 e os 49 anos de idade e que cai daí para frente, até atingir um valor absoluto de 168 reais, entre aqueles com 60 anos e mais.

O aumento das rendas alternativas ao trabalho ao longo da vida pode ser interpretado como evidência da tendência de acumular recursos financeiros, com o objetivo de manter o nível de bem-estar nas etapas finais do ciclo da vida, ocasião em que a renda do trabalho é reduzida. Considerando os fluxos de renda *per capita* dos idosos com mais de 60 anos, observamos as seguintes participações relativas: trabalho (39%), previdência (49%), aluguéis (7%) e outras rendas (6%) que incluiriam a renda financeira. De acordo com a pesquisa do SESC/FPA, a aposentadoria por idade (28%), a aposentadoria por tempo de serviço (26%), a pensão por morte (16%), o trabalho (15%) e a aposentadoria por invalidez (10%) são as principais fontes de renda na velhice.

Conhecimento do Benefício de Prestação Continuada (BPC)

Os idosos foram questionados sobre o conhecimento do Benefício de Prestação Continuada (BPC), associado à Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS), programas que transferem um salário mínimo mensal para aqueles com deficiência e/ou com idade acima de 65 anos, extremamente pobres, ou seja, com renda familiar inferior a $\frac{1}{4}$ de salário mínimo mensal. Trinta e sete por cento dos idosos afirmaram conhecê-lo. Destes, apenas 1% de forma espontânea, ou seja, sem a necessidade de estimulação do entrevistador. Esse conhecimento foi menor nos grupos mais velhos, uma vez que, entre os de 80 anos ou mais, apenas 19% disseram conhecer o programa.

Figura 2. Trajetórias de renda de brasileiros entre 16 e 66 anos de idade.



3. Aposentadoria

O evento aposentadoria atinge 64% dos idosos. É bastante diferenciada por gênero: 80% dos homens contra 52% das mulheres são aposentados. As mulheres se aposentam mais por idade enquanto os homens se aposentam mais por tempo de serviço. Entre aqueles que se aposentaram (64%), 83% obteve a aposentadoria por idade ou tempo de serviço (53% dos idosos) e 67% dos que se aposentaram disseram ter desejado a aposentadoria (43% dos idosos), enquanto 11% não queria se aposentar (7% dos idosos), dado importante a ser considerado pelos planejadores de políticas previdenciárias.

3.1 Preparação para a aposentadoria

Os dados da pesquisa SESC/FPA revelam que, de modo geral, as pessoas não recebem preparação específica para a aposentadoria – 95% dos idosos aposentados declararam não ter tido essa oportunidade. Dentre os idosos que tiveram, 2% foram em empresas privadas em que trabalhavam e 3% do governo. Nenhuma mulher que trabalhava em empresas privadas participou de programas de preparação para a aposentadoria e apenas 2% receberam alguma preparação para a aposentadoria por parte do governo. Possivelmente, esse dado é afetado pela baixa participação das mulheres hoje idosas no mercado de trabalho. As próximas gerações deverão apresentar uma configuração diferente, pois o trabalho feminino fora de casa cresceu muito nas últimas décadas. Por faixa etária, não notamos grandes variações quanto à oferta de programas de preparação para a aposentadoria, a não ser para os homens e mulheres entre 75 e 79 anos, grupo no qual 9% afirmaram ter recebido algum tipo de preparação por parte do governo.

3.2 Adaptação à rotina de aposentado

As dificuldades de adaptação à rotina de aposentado geralmente afetam mais o homem do que a mulher (25% contra 21%) – 15% deles e 11% delas indicaram a falta de rotina ou da movimentação do dia-a-dia como as principais barreiras à adaptação. Talvez a menor frequência dessa queixa entre as mulheres se deva ao fato de a aposentadoria significar o retorno às rotinas domésticas, agora sem o peso adicional daquela associada ao trabalho fora de casa. Dificuldades financeiras foram relatadas por 5% dos homens e por 2% das mulheres. As baixas frequências desse tipo de resposta talvez se devam à presença de reservas acumuladas durante os anos produtivos, exatamente para suavizar o impacto da queda de renda na velhice. As queixas mais frequentes entre os homens talvez derivem do fato de que, na maioria das famílias, cabe a eles o papel provedor. Com a queda de renda depois da aposentadoria, parte dos homens experimenta problemas com relação à dificuldade de manter o mesmo padrão de vida.

3.3 Sugestões para melhor adaptação à rotina de aposentado

De modo geral, uma vez aposentados, os idosos acham importante continuar exercendo atividades, como forma de adaptação mais fácil à nova rotina. Apontam várias alternativas para dar vazão a essa necessidade de continuação da atividade: 16% ressaltam o trabalho como opção, e não como obrigação; 13% falam da necessidade de ter qualquer atividade para ocupar o tempo e a mente; 10% afirmam que é importante ter um trabalho mais leve e adequado à idade; 8% afirmam que é desejável manter o salário para garantir o mesmo padrão de vida e 8% dizem que gostariam de dedicar-se a cursos, projetos e trabalho voluntário, trabalhando menos horas. Lazer (7%), atividade física (6%) e descanso (5%) gozam de menor importância entre as sugestões dos aposentados. Ou seja, os valores associados ao trabalho permanecem mais presentes entre os idosos do que a ideia de recolhimento a atividades mais lúdicas. No entanto, é importante mencionar que 7% dos idosos disseram que não fazem nada e 30% responderam que não sabiam o que fazer para manter a atividade depois da aposentadoria, o que sugere a oportunidade de oferecer programas de preparação para a aposentadoria que ofereçam orientação quanto a esse aspecto.

4. Comportamento previdenciário

O aumento das rendas alternativas ao trabalho ao longo da vida pode ser interpretado como evidência do acúmulo prévio de recursos financeiros, com o objetivo de manter constante o nível de bem-estar nas etapas finais do ciclo da vida, tal como previsto por Modigliani (1986). Em função disso, observaremos o perfil etário da acumulação de fundos previdenciários, ativos financeiros e imóveis, para avaliar o ciclo de vida financeiro antes da aposentadoria bem como os rendimentos dos idosos depois da aposentadoria.

Contribuições para a previdência

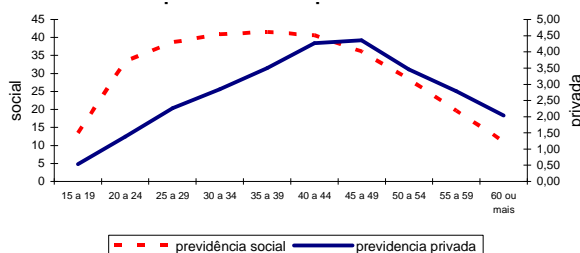
A Figura 3 apresenta a evolução da parcela da população ocupada que contribui para a previdência social e para fundos de previdência privada, segundo a PNAD/IBGE (2002). A taxa de contribuição social é, em média, quase 10 vezes maior do que a privada. Os percentuais são 2,68% e 20,31%, respectivamente. Os picos das duas taxas

de contribuição estão situados em idades distintas. A contribuição para a previdência pública é mais uniformemente distribuída entre aqueles de 25 a 50 anos, atingindo o máximo na faixa de 35-40 anos (41,57%). Já o pico da taxa de contribuição para a previdência privada está na faixa 45-49 anos (4,36%). A Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF/IBGE – 1996) permite conhecer o volume monetário gasto na contribuição para a Previdência pela população metropolitana ocupada no setor privado (Néri, 2003). Observa-se na Figura 3b que o volume da contribuição cresce com a idade até o grupo de 40-45 anos, caindo deste ponto em diante.

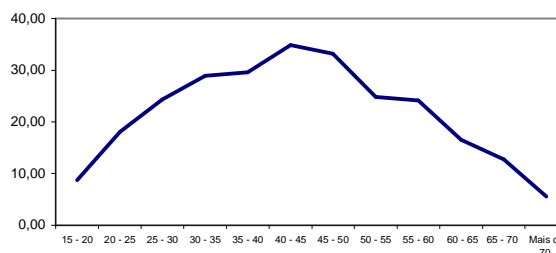
Figura 3. Brasileiros que contribuem para a Previdência, de acordo com a idade.

a) População que contribui para previdência (%)
médica (R\$)

b) Contribuição previdenciária



Fonte: CPS/IBRE/FGV a partir dos microdados da PNAD 2002/IBGE



Fonte: CPS/IBRE/FGV a partir dos microdados da POF 1996/IBGE

5. Comportamento creditício

Questões abordadas pela Pesquisa de Padrões de Vida (PPV) do IBGE (1996) sobre crédito e empréstimos podem ser cotejados com o modelo do ciclo da vida de Modigliani. A proporção de indivíduos que tomam empréstimo é inversamente relacionada à idade. Os mais novos, com idade entre 15 e 25 anos, são os que mais tomam empréstimo (6,3%). Esta taxa vai diminuindo com a idade, atingindo 2,4% entre os indivíduos com mais de 65 anos. Em geral, os indivíduos contraem empréstimo em fontes particulares. Em 76% dos casos relatados, os empréstimos são tomados junto a pessoas físicas ou com agiotas. Entre os mais novos (até 35 anos) e os mais velhos (com mais de 65 anos), os grupos extremos da distribuição, esta proporção dos que tomam empréstimos de pessoas físicas e agiotas é maior, de 90% a 85% dos casos. O dado

sugere que esses grupos etários têm mais dificuldade de acesso ao crédito oferecido por fontes oficiais, talvez em virtude de instabilidade no emprego (entre os mais novos) ou de insuficiência de renda (entre os mais velhos).

A motivação para a aquisição de ativos físicos imobiliários, bens de uso particular e associados a atividades empresariais ocupam lugar de destaque entre as finalidades apresentadas para os empréstimos. Comprar ou reformar a casa própria tem papel de destaque entre os mais velhos: representam 17% das razões para os empréstimos dos idosos, enquanto na população total 6,3% dos empréstimos ocorram por essas razões. Similarmente, a compra de bens para uso particular é de 20% da demanda creditícia dos idosos e de 9,2% da demanda da população em geral. Finalmente, a aquisição de ativos microempresariais é ausente entre os idosos e alcança 5,6% na população total. Isto reflete a menor taxa de ocupação da população idosa e a menor tendência a novos investimentos em capital físico produtivo na fase final do ciclo da vida.

Ao contrário do modelo proposto por Modigliani, durante a juventude são observadas trajetórias de rendas do trabalho e de outras fontes positivamente inclinadas, o que coloca em xeque a capacidade dos jovens de alinhar o seu padrão de consumo ao longo do tempo. Por outro lado, os idosos revelam notável capacidade de suavização de renda perto do pico de renda observado na meia idade, o que é consistente com a teoria. Como indicado pela análise das fontes de renda, isto se deve mais à atuação do Estado como provedor de benefícios previdenciários contributivos e não contributivos. Neri (1999) demonstra que os mais velhos são os que mais utilizam a caderneta de poupança, e também os que possuem o maior número de contas e o maior saldo. Ainda de forma consistente com a teoria de Modigliani, a intenção de retirar o dinheiro da poupança tem uma trajetória crescente com a idade (7% no grupo mais jovem comparado a 17% nos grupos mais velhos). De fato, a principal motivação para retirar dinheiro da caderneta de poupança para os poupadores mais velhos é completar o orçamento (74%). No caso dos poupadores mais jovens, essa proporção é de 24%.

A incorporação da possibilidade de endividamento no período inicial da vida ativa fornece uma visão complementar àquela proposta por Modigliani. No período inicial da jornada profissional, o desejo de consumo é geralmente maior do que a renda seja pela baixa experiência de quem está empregado, seja pelo alto desemprego ou pela necessidade de tempo e recursos financeiros para investir em educação, o que induziria a uma demanda por empréstimos. Entretanto, os jovens não conseguem ajustar o

consumo à trajetória ascendente da renda no futuro, ou porque não esperam que isso aconteça, ou por restrições de acesso aos empréstimos enfrentados por esse grupo.

Dependendo da necessidade e dependendo da intensidade da escassez do crédito, aqueles que buscam a aquisição de ativos, como imóveis, são forçados a acumular capital por antecipação, uma vez que não há mercados de crédito perfeitos. Uma evidência do racionamento de crédito é que os jovens possuem taxas de acesso a domicílios próprios já pagos inferiores aos mais idosos. Por exemplo, 63% dos brasileiros entre 25 e 29 anos de idade possuem casa própria paga contra 83% daqueles com mais de 60 anos. A casa própria pode funcionar como ativo provedor de recursos para financiar o consumo na terceira idade, mediante a venda ou a formação de hipoteca.

De Soto (2001) associa o acesso ao crédito com a informalidade fundiária. Ele argumenta que o problema do pobre não é só a pouca quantidade, mas a baixa qualidade do capital. A alta informalidade da propriedade implica maiores dificuldades de obtenção de crédito e de transacionar os ativos em geral, o que acarreta a redução do valor de mercado dos ativos dos pobres. Na acepção de De Soto, esse seria uma espécie de capital morto, ou seja, a nossa reconhecida informalidade estaria associada a perdas de capital. Os idosos têm mais acesso a terreno próprio e a imóveis mais caros do que os jovens. Por exemplo, 10% dos brasileiros entre 25 e 29 anos de idade possuem propriedades com valores superiores a 50 mil reais contra 16% daqueles entre 60 e 65 anos de idade. A melhor definição dos direitos de propriedade fundiários dos idosos potencializa o acesso a crédito e valoriza suas propriedades. Novamente, usando a terminologia de De Soto, o capital dos idosos está mais vivo e valioso do que nunca.

Conhecimento e utilização do empréstimo consignado

Seguindo a linha de valorização do capital de De Soto, por causa do melhor acesso a mercados, em particular o de crédito, o governo federal tem possibilitado aos aposentados tomar empréstimos com desconto direto na folha de pagamentos do INSS (Instituto Nacional do Seguro Social), até o limite de 30% dos benefícios. Questionados de forma estimulada sobre o conhecimento e a utilização do empréstimo consignado, 23% dos idosos da pesquisa SESC/FPA disseram nunca ter ouvido falar. A proporção daqueles que nunca fizeram o empréstimo decai com a idade, passando de 60% daqueles entre 60 e 64 anos para 42% entre aqueles com 80 anos de idade ou mais. O

uso deste canal de crédito é muito mais por necessidade própria do que para repassar aos parentes. Por exemplo, para aqueles entre 65 e 69 anos, 25% utilizaram o empréstimo por necessidade própria contra 4% que o repassaram aos parentes.

6. Comportamento consumidor

Pesquisas de orçamentos familiares, como a do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas, permitem analisar segmentos específicos como o dos idosos. A análise do orçamento nessas pesquisas exige cuidado, pois parte de um conceito familiar, e não individual, o que impossibilita calcular perfeitamente a estrutura do índice de preços dos idosos. Optamos por um conceito mais representativo para a formulação de políticas públicas: as famílias pesquisadas cuja composição comporta pelo menos 50% de idosos. Analisamos inicialmente esta pesquisa para depois apresentarmos evidências qualitativas da importância relativa de diferentes itens, segundo a pesquisa do SESC/FPA.

6.1 A importância da saúde na composição das despesas dos idosos

O destaque do orçamento de consumo dos idosos refere-se, sem dúvida, às despesas com saúde e com cuidados especiais, que ocupam 15% do seu orçamento (a taxa para o total de famílias pesquisadas pela Fundação Getúlio Vargas atinge 10,4%). De fato, estas despesas podem justificar a necessidade de aumento da renda na terceira idade. Nos Estados Unidos, país que gasta muito com prevenção e tratamento de doenças, as famílias dedicam cerca de 5,8% de seu orçamento a esta classe de despesas, informa o Bureau of Labor Statistics (2002). Entre os cidadãos norte-americanos de mais de 65 anos, a fração dos gastos com saúde sobe a 12,8% e, apenas depois dos 75 anos, essa taxa sobe a 15%, a mesma alcançada pelos brasileiros a partir dos 60 anos.

Tabela 1. Estrutura do consumo da população total e da terceira idade

	Pop Total	Famílias com pelo menos 50% de idosos			Famílias com Idosos	Famílias só com Idosos
		Total Idosos	Até 8 salários mínimos	Acima de 8 salários mínimos		
ALIMENTAÇÃO	27.49	30.23	35.34	24.90	30.43	30.05
<i>GÊNEROS ALIMENTÍCIOS</i>	<i>24.75</i>	<i>27.96</i>	<i>33.33</i>	<i>22.45</i>	<i>28.20</i>	<i>27.61</i>
HABITAÇÃO	31.84	33.00	35.25	30.84	32.97	35.79
VESTUÁRIO	5.40	3.68	2.70	4.52	3.65	3.01
<i>ROUPAS</i>	<i>3.46</i>	<i>2.39</i>	<i>1.68</i>	<i>3.01</i>	<i>2.41</i>	<i>1.94</i>
ROUPAS MASCULINAS	1.27	0.86	0.67	1.05	0.91	0.67
ROUPAS FEMININAS	1.59	1.35	0.85	1.64	1.32	1.20
SAÚDE E CUIDADOS PESSOAIS	10.36	15.03	14.47	15.09	14.90	16.79
<i>SERVIÇOS DE SAÚDE</i>	<i>3.70</i>	<i>6.81</i>	<i>5.09</i>	<i>8.46</i>	<i>6.74</i>	<i>8.27</i>
HOSPITAIS E LABORATÓRIOS	0.15	0.59	0.92	0.30	0.59	0.79
MÉDICO, DENTISTA E OUTROS	3.55	6.22	4.17	8.16	6.15	7.48
<i>PRODUTOS MÉDICO-ODONTOL.</i>	<i>2.60</i>	<i>4.91</i>	<i>5.79</i>	<i>3.48</i>	<i>4.89</i>	<i>5.50</i>
MEDICAMENTOS EM GERAL	2.20	4.48	5.47	2.99	4.41	5.22
<i>CUIDADOS PESSOAIS</i>	<i>4.06</i>	<i>3.31</i>	<i>3.59</i>	<i>3.15</i>	<i>3.28</i>	<i>3.02</i>
EDUCAÇÃO, LEITURA E RECREAÇÃO	8.74	4.43	1.81	7.63	4.47	2.84
<i>EDUCAÇÃO</i>	<i>5.76</i>	<i>1.86</i>	<i>0.52</i>	<i>3.91</i>	<i>1.99</i>	<i>0.44</i>
<i>LEITURA</i>	<i>0.43</i>	<i>0.57</i>	<i>0.42</i>	<i>0.76</i>	<i>0.55</i>	<i>0.59</i>
<i>RECREAÇÃO</i>	<i>2.56</i>	<i>1.99</i>	<i>0.88</i>	<i>2.96</i>	<i>1.93</i>	<i>1.80</i>
TRANSPORTES	11.72	7.85	6.24	9.06	7.87	6.33
<i>TRANSPORTE PÚBLICO</i>	<i>5.01</i>	<i>3.03</i>	<i>3.36</i>	<i>2.41</i>	<i>3.04</i>	<i>2.16</i>
TRANSPORTE PÚBLICO URBANO	4.76	2.91	3.25	2.28	2.94	2.06
TRANSPORTE PÚBLICO INTERURB	0.25	0.12	0.10	0.13	0.11	0.10
DESPESAS DIVERSAS	4.44	5.79	4.19	7.97	5.71	5.19

Fonte: DGD/IBRE/FGV

Obs: GRUPO, SUBGRUPO e ITEM

Ao dividirmos este grupo de referência em segmentos com renda abaixo e acima de oito salários mínimos, observamos resultados similares (14,5% contra 15,1%) Entretanto, há diferenças importantes na composição das despesas de saúde por faixa de renda: serviços de saúde que incluem médicos, hospitais, laboratórios e planos de saúde ocupam 8,5% do orçamento da faixa mais alta e 5,1% nas demais – talvez em função da presença do SUS (Sistema Único de Saúde). Em contrapartida, despesas com medicamentos em geral tomam 3% e 5,8% do orçamento, respectivamente, sendo as demais despesas de saúde (cuidados pessoais) mais ou menos iguais.

Independentemente de questões operacionais, programas que atuam sobre os serviços de saúde (como a proibição da diferenciação de preços de planos de saúde por idade ditada pelo Estatuto do Idoso) têm menor potencial para focalizar os idosos pobres do que as ações voltadas à melhoria da oferta de medicamentos, ilustradas pelo programa de farmácia popular ou de genéricos.

6.2 Composição dos gastos familiares

Olhando em termos mais gerais a composição dos grandes grupos de consumo, os maiores gastos relativos das famílias com pelo menos 50% de idosos diante do total da população, são: 1) despesas de saúde e cuidados especiais (15% contra 10,4%, respectivamente); 2) despesas de alimentação (30,2%; 27,5%); 3) despesas diversas (5,79%; 4,44%); e 4) habitação (32%; 31,8%). Já o inverso, isto é, maior predominância relativa no total da população em relação aos idosos, ocorre nos seguintes grupos de despesas: a) transportes (7,85%; 11,72%), refletindo a menor demanda e o passe livre do idoso (o transporte público urbano impacta 50% a mais o conjunto total da população); b) vestuário (3,67%; 5,4%) possui diferenças significativas entre sexos, ou seja, maiores gastos em roupas femininas; essa distância é ainda maior na população idosa, dada a maior longevidade feminina; c) educação, leitura e recreação (4,43%; 8,74%) também apresentam importantes diferenças de composição. Em educação, a maior despesa da população total (1,86%; 5,76%) reflete o maior tempo esperado para recuperação do investimento em capital humano. Já nos casos de recreação e leitura, observamos resultados mais similares, apesar da maior disponibilidade para o lazer dos cidadãos seniores (0,40%; 0,48%).

6.3 Principais fontes de gastos individuais

Perguntados pela pesquisa SESC/FPA sobre os três itens em que mais gastam individualmente, a alimentação ficou em primeiro lugar, pois foi mencionada por 93% dos idosos (95% homens e 91% mulheres). Contas (luz, água e telefone) ocupam o segundo lugar com 79% das múltiplas respostas (83%) entre os homens e 76% entre as mulheres). Em terceiro lugar, os gastos com remédios (59%) estão menos presentes entre os homens (54%, contra 62% das mulheres). Elas são as que mais gastam com

prestação de lojas (9%, contra 6% entre os homens), e nos itens moradia 8% entre as mulheres contra 6% entre os homens), lazer (4%, contra 3% entre os homens) e auxílio doméstico (empregada, enfermeira, faxineira) (4%, contra 1% deles).

As despesas com alimentação diminuem com o passar da idade (94% dos que têm 60 a 64 anos contra 90% dos que têm mais de 80 anos). O mesmo ocorre com contas de luz, água, gás e telefone (82% contra 72%).

6.4 Controle sobre as despesas

A pesquisa SESC/FPA revela que 85% dos idosos têm o controle sobre as suas próprias despesas. Entre eles, a maioria tem controle total (71%) e apenas 14% têm controle parcial. Dos 15% restantes, 2% não responderam à pergunta, 5% não têm controle sobre as próprias despesas e 8% não têm renda. Ao contrário do que se poderia esperar, os mais velhos entre os idosos não perdem controle das despesas.

7. Conclusões

O objetivo deste artigo foi descrever alguns determinantes econômicos do nível de bem-estar da população idosa, a partir dos dados da pesquisa do SESC/FPA, tomando como pano de fundo a teoria do ciclo de vida de Franco Modigliani, que sugere que os indivíduos buscam formas de suavização do bem-estar ao longo do tempo, preparando-se para a queda da renda do trabalho nos anos finais do ciclo de vida. De forma consistente com a teoria, os idosos revelaram notável capacidade de suavização de renda de todas as fontes num ponto próximo ao pico de renda observado na meia-idade. A redução da renda do trabalho observada nesta fase da vida é consistente com a teoria de Modigliani. Entretanto, como demonstrado pela análise das diversas fontes de renda, isto se deve mais à atuação do Estado como provedor de benefícios previdenciários contributivos e não contributivos, do que de comportamentos privados propriamente ditos. Ou seja, um pseudoagente híbrido formado por indivíduos e pelo Estado atua como agente suavizador de variáveis econômicas associadas ao bem-estar individual. Embora na sua forma pura a teoria seja rejeitada, ela oferece um arcabouço interessante para analisar como a insuficiência de ações privadas é compensada pela ação pública e, igualmente, para aferir os impactos sociais da insuficiência de renda e da desproteção social da população na terceira idade, no Brasil.

A pesquisa Idosos no Brasil complementa a análise quantitativa de outras bases de dados e, em particular, revela uma série de comportamentos, percepções e atitudes da população idosa que podem ser bastante úteis ao delineamento de políticas públicas, entre os quais destacam-se os seguintes:

- A aposentadoria atinge 64% dos idosos, sendo bastante diferenciada por gênero: 80% dos homens e 52% das mulheres são aposentados. As mulheres se aposentam mais por idade (28%, contra 24% dos homens), enquanto os homens se aposentam mais por tempo de serviço (15%, contra 41%). Os homens também se aposentam mais por invalidez (8%, contra 15%).
- As dificuldades da adaptação à rotina de aposentado geralmente afetam mais os homens do que as mulheres (25%, contra 21%): 15% deles (11% delas) indicam falta de rotina/movimentação do dia-a-dia como fonte de dificuldades de adaptação. Dificuldades financeiras atingem 5% deles (2% delas), taxas baixas e

consistentes com a hipótese da capacidade de suavização da renda familiar ao longo do ciclo da vida.

- De modo geral, os idosos não receberam preparação específica para a aposentadoria (95% dos idosos). Dos idosos que receberam preparação, 2% o receberam a partir de empresa privada e 3%, do governo.
- Valores associados ao trabalho permanecem mais presentes entre os idosos aposentados do que a idéia de recolhimento ou de exercer atividades mais lúdicas: 10% deles afirmam que é importante ter um trabalho mais leve e adequado à idade; 8% preferem manter o salário para garantir o mesmo padrão de vida e outros 8% deles mencionaram itens diversos relativos a cursos, projetos de trabalho voluntário. Lazer (7%), atividade física (6%) e descanso (5%) gozam de menor importância entre as sugestões dos aposentados.
- Questionados sobre o conhecimento ao Benefício de Prestação Continuada (BPC), poucos responderam afirmativamente. Esse conhecimento é menor entre os idosos de 80 anos ou mais.
- A grande maioria disse conhecer o empréstimo consignado. O uso deste canal de crédito se deu muito mais por necessidade própria do que para repassar aos parentes. Por exemplo, para aqueles entre 65 e 69 anos, 25% utilizaram o empréstimo por necessidade própria contra 4% que repassaram aos parentes. A proporção daqueles que nunca fizeram o empréstimo decai com a idade, passando de 60% daqueles entre 60 e 64 anos para 42% entre aqueles com 80 anos de idade ou mais.
- Entre os itens em que os idosos mais gastam individualmente, a alimentação ficou em primeiro lugar, com 93% das menções. Contas de luz, água e telefone ocupam o segundo lugar com 79%. Em terceiro, gastos com remédios (59%), menos presentes entre os homens (54%, contra 62% das mulheres). Elas também são as que as mais gastam com prestação de lojas, moradia, lazer e auxílio doméstico.

- As despesas com alimentação diminuem com o passar da idade (94% dos que têm 60 a 64 anos contra 90% dos que têm mais de 80 anos), mas aumentam as despesas com remédios (50% contra 80%), ficando as despesas com médicos e planos de saúde relativamente estabilizadas.

A grande maioria dos idosos tem controle de sua própria despesa, o que denota autonomia, dado interessante que contrasta com o senso comum, segundo o qual os idosos são dependentes.

8. Referências bibliográficas

DE SOTO, H. *O mistério do capital*. Rio de Janeiro, Record, 2001.

HOBIIJN, B. e LAGAKOS, D. Social security and the consumer price index for the elderly. *In Current issues in economics and finance*. Federal Reserve Bank of N.Y. Vol. 9, n. 5, 2003.

MODIGLIANI, F. Life cycle, individual thrift, and the wealth of nations. *The American Economic Review*, n. 76, 1986, p. 297–313.

NERI, M. C. *Cobertura Previdenciária: Diagnóstico e Propostas*. Ministério da Previdência e Assistência Social. (Coleção Previdência Social, Série Estudos) Ministério da Previdência Social, Brasília, vol. 18, 2003.

9. Anexo:

A: Equação Minceriana de Salários

A equação minceriana de determinação de salários é a base de uma vasta literatura empírica em economia do trabalho. O modelo salarial de Jacob Mincer em 1974 é o arcabouço utilizado para estimar retornos a educação, retornos à qualidade da educação, retornos à experiência, entre outras variáveis determinantes do salário. Mincer concebeu uma equação para rendimentos que seria dependente de fatores explicativos associados à escolaridade e à experiência, além de possivelmente outros atributos, como sexo, por exemplo. A Equação de Mincer é usada para analisar a relação entre crescimento e nível de escolaridade de uma sociedade, além dos determinantes da desigualdade. A equação minceriana incorpora uma equação de preço revelando quanto o mercado de trabalho está disposto a pagar por atributos produtivos como educação e experiência e outros sócio-demográficos o que pode sinalizar a existência de discriminação. O nosso foco aqui na variável idade aberta ano a ano.

Equação de Salário - Brasil 16 anos <=IDADE<=66 anos

The SURVEYREG Procedure

Regression Analysis for Dependent Variable Insalario

Data Summary	
Number of Observations	6550065
Sum of Weights	56700511
Weighted Mean of Insalario	5.83138
Weighted Sum of Insalario	330642300

Fit Statistics	
R-square	0.4464
Root MSE	0.7544
Denominator DF	6550064

ANOVA for Dependent Variable Insalario					
Source	DF	Sum of Squares	Mean Square	F Value	Pr > F
Model	73	26019805	356435.7	72345.4	<.0001
Error	6.55E6	32270891	4.9		
Corrected Total	6.55E6	58290696			

Tests of Model Effects			
Effect	Num DF	F Value	Pr > F
Model	73	57256.5	<.0001
Intercept	1	1.502E7	<.0001
SEXO	1	569885	<.0001

Tests of Model Effects			
Effect	Num DF	F Value	Pr > F
fxcor	5	29376.0	<.0001
IDADE	50	16849.5	<.0001
educa	17	147191	<.0001

The denominator degrees of freedom for the F tests is 6550064.

Estimated Regression Coefficients				
Parameter	Estimate	Standard Error	t Value	Pr > t
Intercept	3.8201506	0.00293184	1302.99	<.0001
SEXO Homem	0.4921332	0.00065191	754.91	<.0001
SEXO Mulher	0.0000000	0.00000000	.	.
fxcor Amarela	0.2884772	0.00528648	54.57	<.0001
fxcor Ignorado	-0.1307608	0.00427808	-30.57	<.0001
fxcor Indígena	-0.2015898	0.00571237	-35.29	<.0001
fxcor Parda	-0.2452028	0.00068203	-359.52	<.0001
fxcor Preta	-0.2409963	0.00121945	-197.63	<.0001
fxcor zBranca	0.0000000	0.00000000	.	.
IDADE 17	0.1303047	0.00321205	40.57	<.0001
IDADE 18	0.2395576	0.00305148	78.51	<.0001
IDADE 19	0.3300321	0.00300157	109.95	<.0001
IDADE 20	0.4181137	0.00295423	141.53	<.0001
IDADE 21	0.4842623	0.00296785	163.17	<.0001
IDADE 22	0.5429246	0.00296401	183.17	<.0001
IDADE 23	0.6023470	0.00297783	202.28	<.0001
IDADE 24	0.6597152	0.00299351	220.38	<.0001
IDADE 25	0.7075824	0.00299527	236.23	<.0001
IDADE 26	0.7522385	0.00302391	248.76	<.0001
IDADE 27	0.7945804	0.00303142	262.11	<.0001
IDADE 28	0.8317192	0.00304275	273.34	<.0001
IDADE 29	0.8614274	0.00306927	280.66	<.0001
IDADE 30	0.8848380	0.00304673	290.42	<.0001
IDADE 31	0.9170790	0.00309326	296.48	<.0001
IDADE 32	0.9380025	0.00309643	302.93	<.0001
IDADE 33	0.9557181	0.00310963	307.34	<.0001
IDADE 34	0.9771800	0.00310927	314.28	<.0001
IDADE 35	0.9940308	0.00311651	318.96	<.0001
IDADE 36	1.0071790	0.00313103	321.68	<.0001
IDADE 37	1.0254536	0.00315482	325.04	<.0001
IDADE 38	1.0403453	0.00319373	325.75	<.0001
IDADE 39	1.0626606	0.00321638	330.39	<.0001
IDADE 40	1.0775970	0.00321681	334.99	<.0001
IDADE 41	1.1095627	0.00331377	334.83	<.0001
IDADE 42	1.1124270	0.00328497	338.64	<.0001
IDADE 43	1.1314039	0.00336961	335.77	<.0001
IDADE 44	1.1429345	0.00342239	333.96	<.0001
IDADE 45	1.1573327	0.00345185	335.28	<.0001
IDADE 46	1.1702050	0.00352968	331.53	<.0001
IDADE 47	1.1736374	0.00359566	326.40	<.0001
IDADE 48	1.1679958	0.00366201	318.95	<.0001
IDADE 49	1.1783693	0.00376330	313.12	<.0001
IDADE 50	1.1708562	0.00378134	309.64	<.0001
IDADE 51	1.1840486	0.00400391	295.72	<.0001
IDADE 52	1.1740783	0.00403556	290.93	<.0001
IDADE 53	1.1600857	0.00417996	277.54	<.0001
IDADE 54	1.1539654	0.00440865	261.75	<.0001
IDADE 55	1.1529795	0.00452913	254.57	<.0001
IDADE 56	1.1463754	0.00467664	245.13	<.0001
IDADE 57	1.1293252	0.00489458	230.73	<.0001
IDADE 58	1.1166268	0.00509167	219.30	<.0001
IDADE 59	1.1123772	0.00534499	208.12	<.0001
IDADE 60	1.0766101	0.00533208	201.91	<.0001
IDADE 61	1.1107822	0.00618518	179.59	<.0001
IDADE 62	1.0747263	0.00636067	168.96	<.0001

Parameter	Estimated Regression Coefficients			
	Estimate	Standard Error	t Value	Pr > t
IDADE 63	1.0771130	0.00684607	157.33	<.0001
IDADE 64	1.0555470	0.00708326	149.02	<.0001
IDADE 65	1.0460950	0.00753396	138.85	<.0001
IDADE 66	1.0291912	0.00865058	118.97	<.0001
IDADE 1000	0.0000000	0.00000000	.	.
educa 1	0.1722704	0.00222930	77.28	<.0001
educa 2	0.2856326	0.00198914	143.60	<.0001
educa 3	0.4320748	0.00182362	236.93	<.0001
educa 4	0.5916529	0.00152434	388.14	<.0001
educa 5	0.6909021	0.00173695	397.77	<.0001
educa 6	0.7744160	0.00192001	403.34	<.0001
educa 7	0.8282134	0.00187086	442.69	<.0001
educa 8	0.9599936	0.00162740	589.89	<.0001
educa 9	0.9765915	0.00208968	467.34	<.0001
educa 10	1.0703565	0.00205224	521.56	<.0001
educa 11	1.3071103	0.00153566	851.17	<.0001
educa 12	1.6449867	0.00316923	519.05	<.0001
educa 13	1.7109511	0.00330246	518.08	<.0001
educa 14	1.8167740	0.00312957	580.52	<.0001
educa 15	2.0638534	0.00212838	969.68	<.0001
educa 16	2.2961555	0.00271464	845.84	<.0001
educa 17	2.6007826	0.00361830	718.79	<.0001
educa 18	0.0000000	0.00000000	.	.

The denominator degrees of freedom for the t tests is 6550064.

Matrix $X'WX$ is singular and a generalized inverse was used to solve the normal equations.

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da Censo Demográfico 2000/IBGE.

B: Regressão Logística Binomial

O tipo de regressão utilizado no modelo de determinação da probabilidade ocupacional ao longo do ciclo de vida será o de regressão logística binomial. Esse método é utilizado para estudar variáveis dummies que são aquelas que são compostas apenas por duas opções de eventos, como “sim” ou “não”. Por exemplo:

Seja Y uma variável aleatória dummy definida como:

$$Y = \begin{cases} 1 & \text{se a pessoa está ocupada} \\ 0 & \text{se a pessoa não está ocupada} \end{cases}$$

Onde cada Y_i tem distribuição de Bernoulli, cuja função de distribuição de probabilidade é dada por;

$$P(y | p) = p^y (1 - p)^{1-y}$$

Onde:

y identifica o evento ocorrido

p é a probabilidade de sucesso para a ocorrência do evento

Como se trata de uma seqüência de eventos com distribuição de Bernoulli, a soma do número de sucessos ou fracassos neste experimento terá distribuição Binomial de parâmetros n (número de observações) e p (probabilidade de sucesso). A função de distribuição de probabilidade da Binomial é dada por;

$$P(y | n, p) = \binom{n}{y} p^y (1 - p)^{n-y}$$

A transformação logística pode ser interpretada como sendo o logaritmo da razão de probabilidades, sucesso versus fracasso, onde a regressão logística nos dará uma idéia do risco de uma pessoa obter crédito dado o efeito de algumas variáveis explicativas que serão introduzidas mais à frente.

A função de ligação deste modelo linear generalizado é dada pela seguinte equação:

$$\eta_i = \log\left(\frac{p_i}{1-p_i}\right) = \sum_{k=0}^K \beta_k x_{ik}$$

onde a probabilidade p_i é dada por:

$$p_i = \frac{\exp\left(\sum_{k=0}^K \beta_k x_{ik}\right)}{1 + \exp\left(\sum_{k=0}^K \beta_k x_{ik}\right)}$$

A razão de vantagens é dada pela seguinte relação:

$$\theta = \frac{\left(\frac{p_1}{1-p_1}\right)}{\left(\frac{p_2}{1-p_2}\right)}$$

onde P_1 e P_2 , são as probabilidades de sucesso dos grupos 1 e 2, respectivamente. A ultima coluna da tabela abaixo (cond) se refere a razão de vantagens condicionais as demais variáveis da regressão.

Regressão Logística Binomial – População de 16 anos ou mais Está Ocupado ?

Obs	Parameter	Nivel	Estimate	StdErr	estat_t sig	cond
1	Intercept		-2.1530	0.0044	-490.00**	0.11613
2	SEXO	Homem	1.5534	0.0013	1191.98**	4.72753
3	SEXO	Mulher	0.0000	0.0000	.	1.00000
4	fxcor	Amarela	-0.2056	0.0094	-21.82**	0.81416
5	fxcor	Ignorado	-0.1972	0.0079	-25.00**	0.82100
6	fxcor	Indígena	-0.0592	0.0096	-6.14**	0.94254
7	fxcor	Parda	-0.0468	0.0014	-34.20**	0.95430
8	fxcor	Preta	0.0244	0.0026	9.42**	1.02471
9	fxcor	zBranca	0.0000	0.0000	.	1.00000
10	IDADE	17	0.3453	0.0050	69.27**	1.41242
11	IDADE	18	0.6149	0.0049	125.01**	1.84950
12	IDADE	19	0.8914	0.0050	178.21**	2.43866
13	IDADE	20	1.1057	0.0050	220.50**	3.02123
14	IDADE	21	1.2581	0.0051	245.28**	3.51885
15	IDADE	22	1.3845	0.0052	268.51**	3.99264
16	IDADE	23	1.4718	0.0052	280.57**	4.35726
17	IDADE	24	1.5583	0.0053	292.92**	4.75051
18	IDADE	25	1.6050	0.0053	300.37**	4.97793
19	IDADE	26	1.6685	0.0055	305.58**	5.30440
20	IDADE	27	1.7100	0.0055	312.73**	5.52885
21	IDADE	28	1.7353	0.0055	314.98**	5.67071
22	IDADE	29	1.7801	0.0056	318.40**	5.93046
23	IDADE	30	1.8005	0.0055	327.43**	6.05287
24	IDADE	31	1.8424	0.0056	326.11**	6.31149
25	IDADE	32	1.8552	0.0056	330.29**	6.39270

Obs	Parameter	Nivel	Estimate	StdErr	estat_t sig	cond
26	IDADE	33	1.8706	0.0057	330.99**	6.49222
27	IDADE	34	1.8917	0.0057	334.55**	6.63082
28	IDADE	35	1.8956	0.0057	335.23**	6.65634
29	IDADE	36	1.9086	0.0057	337.17**	6.74341
30	IDADE	37	1.9163	0.0057	335.10**	6.79590
31	IDADE	38	1.9105	0.0058	330.02**	6.75641
32	IDADE	39	1.9112	0.0059	325.79**	6.76115
33	IDADE	40	1.8963	0.0058	327.44**	6.66149
34	IDADE	41	1.9001	0.0060	314.71**	6.68630
35	IDADE	42	1.8851	0.0059	317.87**	6.58716
36	IDADE	43	1.8616	0.0061	306.50**	6.43410
37	IDADE	44	1.8220	0.0061	297.97**	6.18407
38	IDADE	45	1.7940	0.0061	293.42**	6.01341
39	IDADE	46	1.7449	0.0062	281.10**	5.72553
40	IDADE	47	1.7037	0.0063	270.21**	5.49429
41	IDADE	48	1.6424	0.0063	261.44**	5.16765
42	IDADE	49	1.5790	0.0064	246.53**	4.85006
43	IDADE	50	1.5076	0.0063	238.69**	4.51581
44	IDADE	51	1.4354	0.0066	216.50**	4.20120
45	IDADE	52	1.3869	0.0066	211.26**	4.00224
46	IDADE	53	1.3103	0.0067	195.43**	3.70716
47	IDADE	54	1.2379	0.0069	180.18**	3.44842
48	IDADE	55	1.1619	0.0069	168.83**	3.19612
49	IDADE	56	1.0932	0.0070	156.25**	2.98366
50	IDADE	57	0.9953	0.0072	138.15**	2.70557
51	IDADE	58	0.9270	0.0073	126.62**	2.52697
52	IDADE	59	0.8347	0.0075	110.64**	2.30421
53	IDADE	60	0.6901	0.0072	95.41**	1.99399
54	IDADE	61	0.5195	0.0079	65.64**	1.68120
55	IDADE	62	0.4168	0.0080	52.21**	1.51710
56	IDADE	63	0.3062	0.0082	37.24**	1.35825
57	IDADE	64	0.2148	0.0083	25.94**	1.23967
58	IDADE	65	0.0885	0.0086	10.33**	1.09253
59	IDADE	66	-0.0478	0.0093	-5.15**	0.95333
60	IDADE	67	-0.1739	0.0096	-18.15**	0.84040
61	IDADE	68	-0.2885	0.0099	-29.08**	0.74938
62	IDADE	69	-0.3960	0.0105	-37.60**	0.67303
63	IDADE	70	-0.5184	0.0106	-49.10**	0.59548
64	IDADE	71	-0.6291	0.0119	-52.85**	0.53305
65	IDADE	72	-0.7108	0.0122	-58.45**	0.49125
66	IDADE	73	-0.8157	0.0130	-62.60**	0.44234
67	IDADE	74	-0.9160	0.0139	-65.69**	0.40013
68	IDADE	75	-0.9687	0.0145	-66.99**	0.37957
69	IDADE	76	-1.0331	0.0158	-65.26**	0.35589
70	IDADE	77	-1.2006	0.0176	-68.08**	0.30101
71	IDADE	78	-1.2729	0.0188	-67.53**	0.28002
72	IDADE	79	-1.3870	0.0215	-64.55**	0.24983
73	IDADE	80	-1.5047	0.0223	-67.40**	0.22209
74	IDADE	81	-1.5996	0.0265	-60.31**	0.20198
75	IDADE	82	-1.6863	0.0278	-60.57**	0.18521
76	IDADE	83	-1.7709	0.0317	-55.92**	0.17018
77	IDADE	84	-1.8537	0.0342	-54.25**	0.15665
78	IDADE	85	-1.9515	0.0371	-52.60**	0.14206
79	IDADE	86	-2.0763	0.0432	-48.10**	0.12539
80	IDADE	87	-2.2515	0.0511	-44.03**	0.10525
81	IDADE	88	-2.2022	0.0551	-39.97**	0.11056
82	IDADE	89	-2.2922	0.0647	-35.45**	0.10105
83	IDADE	90	-2.4668	0.0767	-32.15**	0.08485
84	IDADE	91	-2.5661	0.1030	-24.92**	0.07684
85	IDADE	92	-2.6887	0.1181	-22.77**	0.06797
86	IDADE	93	-2.5307	0.1184	-21.38**	0.07961
87	IDADE	94	-2.4749	0.1303	-18.99**	0.08417
88	IDADE	95	-2.6546	0.1655	-16.04**	0.07033

Obs	Parameter	Nivel	Estimate	StdErr	estat_t sig	cond
89	IDADE	96	-2.1756	0.1553	-14.01**	0.11354
90	IDADE	97	-2.4262	0.2052	-11.82**	0.08837
91	IDADE	98	-2.1221	0.1979	-10.72**	0.11977
92	IDADE	99	-1.4827	0.1809	-8.19**	0.22703
93	IDADE	100	-2.0737	0.2748	-7.55**	0.12572
94	IDADE	101	-1.9562	0.4640	-4.22**	0.14139
95	IDADE	102	-1.1788	0.3548	-3.32**	0.30764
96	IDADE	103	-0.2601	0.3095	-0.84	0.77094
97	IDADE	104	-1.1294	0.4338	-2.60**	0.32324
98	IDADE	105	-1.3387	0.5244	-2.55**	0.26219
99	IDADE	106	-0.5199	0.4513	-1.15	0.59461
100	IDADE	107	-0.2122	0.4493	-0.47	0.80878
101	IDADE	108	0.2455	0.3501	0.70	1.27825
102	IDADE	109	0.5425	0.2483	2.19**	1.72036
103	IDADE	110	0.8964	0.2090	4.29**	2.45064
104	IDADE	111	0.7177	0.2279	3.15**	2.04968
105	IDADE	112	0.7113	0.2328	3.06**	2.03665
106	IDADE	113	0.8661	0.2296	3.77**	2.37774
107	IDADE	114	0.7285	0.2421	3.01**	2.07202
108	IDADE	115	0.6165	0.2479	2.49**	1.85247
109	IDADE	116	1.0027	0.2228	4.50**	2.72570
110	IDADE	117	0.7074	0.2320	3.05**	2.02876
111	IDADE	118	1.0207	0.2281	4.47**	2.77520
112	IDADE	119	0.8575	0.2393	3.58**	2.35736
113	IDADE	120	0.5500	0.2593	2.12**	1.73322
114	IDADE	121	1.4627	0.2162	6.77**	4.31775
115	IDADE	122	1.1124	0.2177	5.11**	3.04158
116	IDADE	123	0.4123	0.2775	1.49	1.51036
117	IDADE	124	0.9495	0.2348	4.04**	2.58430
118	IDADE	125	1.1448	0.2359	4.85**	3.14176
119	IDADE	126	1.1778	0.2679	4.40**	3.24728
120	IDADE	127	1.2501	0.2240	5.58**	3.49061
121	IDADE	128	1.2683	0.2285	5.55**	3.55466
122	IDADE	129	1.0269	0.2326	4.42**	2.79251
123	IDADE	130	0.9925	0.2578	3.85**	2.69791
124	IDADE	1000	0.0000	0.0000	.	1.00000
125	Educa	1	0.1859	0.0034	54.63**	1.20435
126	educa	2	0.1936	0.0032	61.24**	1.21366
127	educa	3	0.2235	0.0029	76.33**	1.25040
128	educa	4	0.3017	0.0024	125.96**	1.35214
129	educa	5	0.2776	0.0031	89.64**	1.31993
130	educa	6	0.2500	0.0036	70.22**	1.28397
131	educa	7	0.2656	0.0034	77.43**	1.30424
132	educa	8	0.4093	0.0028	146.35**	1.50573
133	educa	9	0.3284	0.0039	84.32**	1.38876
134	educa	10	0.3892	0.0038	101.99**	1.47577
135	educa	11	0.8500	0.0026	326.70**	2.33972
136	educa	12	0.8168	0.0069	119.03**	2.26323
137	educa	13	0.8845	0.0071	124.42**	2.42169
138	educa	14	1.1436	0.0070	163.33**	3.13799
139	educa	15	1.4797	0.0048	310.66**	4.39158
140	educa	16	1.5152	0.0068	223.12**	4.55015
141	educa	17	1.9292	0.0119	162.73**	6.88384
142	educa	18	0.0000	0.0000	.	1.00000

Obs Label1	cValue1	nValue1
1Data Set	WORK.PESSOAS	.
2Distribution	Binomial	.
3Link Function	Logit	.
4Dependent Variable	OCUPADO	.
5Observations Used	13476938	13476938
6Missing Values	156228	156228

Obs Criterion	DF	Value	ValueDF
1Deviance	13E6	15125882.295	1.1224
2Scaled Deviance	13E6	15125882.295	1.1224
3Pearson Chi-Square	13E6	13497189.132	1.0015
4Scaled Pearson X2	13E6	13497189.132	1.0015
5Log Likelihood	-	-7562941.147	-

* Estatisticamente significativa ao nível de confiança de 90% ** Estatisticamente significativa ao nível de confiança de 95%
 As categorias omitidas: Sexo=Mulher, cor=Branca, Idade=16 anos (1000), Escolaridade=sem instrução (18)
 Fonte: CPS/FGV através do processamento dos microdados do Censo 2000